

BÍBLIA — DEUS CAMINHANDO COM A — GENTE

SEMANÁRIO PARA CÍRCULOS BÍBLICOS

APROFUNDAMENTO I

PAULO, SUA MISSÃO, FORÇA ESPIRITUAL E ESTRATÉGIA PASTORAL

Paulo, que desempenhou um papel importante na missão e na evangelização dos gentios, descreve seu ministério entre eles:

Eu lhes escrevi, e com certa ousadia, mais para lhes recordar o que vocês já sabem. E isso por causa da graça que me foi concedida por Deus, de ser ministro de Cristo Jesus entre as nações, exercendo o ofício sacerdotal de pregar o evangelho de Deus, a fim de que as nações se tornem oferta agradável, santificada pelo Espírito Santo (Rm 15,15-16).

Paulo, um agente pastoral e missionário, considera o seu ministério de evangelização verdadeiro sacerdócio, para que os gentios se tornem o sacrifício vivo e entreguem a própria vida na concretização do projeto de Deus (Rm 12,1-2). Ao longo de onze anos, de 46 a 57 d.C., ele empreendeu três viagens missionárias, andando pelo interior da atual Turquia e ao longo da faixa litorânea da Grécia, na região do mar Mediterrâneo. Eram jornadas árduas e sofridas, feitas a pé ou de navio com muitas dificuldades: “Quantas viagens com perigos em rios, perigos de ladrões, perigos por parte de compatriotas meus, perigos por parte das nações, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos por estar entre falsos irmãos!” (2Cor 11,26).

No seu incansável trabalho missionário, Paulo estabeleceu, junto com os colaboradores e colaboradoras, comunidades em quatro províncias do império romano: Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia. Acompanhou pessoalmente a caminhada delas através de visitas, cartas e colaboradores, com a vontade de alimentar e divulgar o evangelho de Jesus Cristo até os confins do Império: “Tomei como questão de honra anunciar o evangelho onde o nome de Cristo ainda não era conhecido” (Rm 15,20).

Paulo não se cansa e persiste em sua missão, talvez por crer na iminência da parusia do Senhor Jesus. Porém, a realização de sua importante obra missionária é indiscutível: “O cristianismo, tal como existe hoje, deve muito a ele”. Lendo e examinando as cartas paulinas (Rm, 1 e 2Cor, Gl, Fl, 1Ts e Fm), percebe-se que o trabalho missionário de Paulo é moldado por certa força espiritual e estratégia pastoral bem pensada e refletida:

- O amor de Cristo e seu Espírito: “tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por amor a Cristo” (Fl 3,7). Paulo, ex-fariseu, se converte à salvação pela graça e amor de Jesus Cristo, deixando a salvação pela observância da lei. Ele põe sua vida inteiramente a serviço de Jesus. Uma vida movida pelo amor de Cristo: “Já não sou eu que vivo: é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). O Espírito de Jesus Cristo, agente divino dinâmico, orienta e anima a missão libertadora de Paulo, criando “a vida e a paz” (Rm 8,1-17).
- A esperança da salvação pela fé em Jesus Cristo: “Portanto, tendo sido justificados pela fé, estamos em paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo. Por meio dele, através da fé, tivemos acesso a esta graça, na qual estamos firmes e nos gloriamos, na esperança da glória de Deus” (Rm 5,1-2). Na sociedade opressiva do Império, Paulo acredita na esperança de construir o projeto de Deus (graça, paz e glória) pela fé no amor de Jesus Cristo. Para ele, a comunidade é o Reino de Deus antecipado já na terra, e deve ser alimentada pelo trabalho missionário e evangelizador (1Ts 5,8).
- Formação helenista e universal: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Fiquem firmes, portanto, e não se deixem prender de novo ao jugo da escravidão. Eis que eu, Paulo, lhes digo: Se vocês se fazem circuncidar, Cristo de nada lhes adiantará” (Gl 5,1-2). Paulo viveu em



Tarso, uma cidade conhecida por abrigar escolas filosóficas. O estilo de vida da cidade grega (os esportes, a arte, a cultura etc.) influenciou e formou Paulo como um judeu mais aberto para o mundo do que seus irmãos na Palestina. Ele foi o grande missionário no meio dos não judeus no mundo greco-romano.

- d) Missão de modo coletivo: “Paulo, Silvano e Timóteo à igreja dos tessalonicenses, em Deus nosso Pai e no Senhor Jesus Cristo. Graça e paz a vocês” (1Ts 1,1). Paulo não viajava nem trabalhava sozinho. Sempre acompanhado pelos colaboradores, ele empreendeu várias viagens missionárias e organizou as comunidades de modo coletivo (1Cor 4,17).
- e) Missão a partir dos pobres: “Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês” (1Ts 2,9). Com seu trabalho manual, Paulo mergulhou na vida dos escravos que constituíam até dois terços da população nas cidades do império romano. Inserido no mundo do trabalho no qual a sociedade escravagista explorava as pessoas, ele pregou e defendeu não só a dignidade humana, mas também uma nova ordem social: “Não há escravo nem livre” (Gl 3,28; cf. 1Cor 4,9-13; Fm).
- f) Casa, igreja doméstica: “Áquila e Priscila, com a igreja que se reúne na casa deles” (1Cor 16,19; cf. Rm 16,3-5). No mundo greco-romano, a casa, de modo geral, apresentava uma loja ou oficina na frente e uma acomodação de moradia no fundo. Para Paulo, fabricante de tendas, a oficina era a base estável de contatos e reuniões. Aí nasceu a comunidade (a igreja doméstica). A casa era, para os primeiros cristãos, espaço acolhedor e missionário de partilha, de cuidados uns para com os outros e de celebrações (Rm 16,1-15).
- g) Liderança: “Nós lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração por aqueles que se afadigam entre vocês, aqueles que os dirigem no Senhor e os aconselham” (1Ts 5,12). Paulo incentivou a formação e a autonomia da liderança local na vida da comunidade. Eram pessoas que conheciam a própria realidade e tinham a confiança da comunidade, com ampla rede de contatos sociais. Com elas, Paulo cultivou a amizade e a irmandade, o que ajudou e sustentou muitas vezes sua árdua atividade missionária. Entre as pessoas que ele conhece e cita em Rm 16,1-15, há onze mulheres, como Febe, diaconisa da igreja de Cencreia (Rm 16,1). Percebe-se o sinal forte da liderança das mulheres nas primeiras comunidades (cf. Fl 4,2; Rm 16).
- h) Participação de todos com solidariedade: “Portanto, encorajem-se uns aos outros e se edificuem mutuamente, como aliás vocês já estão fazendo” (1Ts 5,11). Paulo encorajava seus fiéis a

se envolverem nas atividades pastorais. Esperava que eles compartilhassem todos os aspectos das necessidades pastorais das comunidades com amor e solidariedade: “Carreguem o peso uns dos outros, e assim vocês cumprirão a lei de Cristo” (Gl 6,2).

- i) Relacionamento afetivo e familiar: “Nós nos comportamos entre vocês com toda a bondade, qual mãe acariciando os filhos. Tínhamos tanto carinho por vocês, que estávamos dispostos a dar-lhes não somente o evangelho de Deus, mas até a nossa própria vida, tão amados vocês se tornaram para nós” (1Ts 2,7-8). Em suas cartas, Paulo, como mãe e pai, expressa seus afetos e preocupações com seus filhos e filhas na fé (cf. Gl 4,19; 1Cor 4,14; Rm 16,1-5). Com relacionamento maternal e paternal, ele acompanha a vida da comunidade, encorajando-a (1Ts 2,11-12) e exortando-a (1Ts 5,12-22). Um relacionamento pastoral, próximo e afetivo!

Paulo, missionário audaz de Jesus Cristo, com suas viagens, perigos, perseguições, comunidades e, sobretudo, várias cartas. Nelas, explica-se, em parte, por que Paulo conseguiu realizar tão importantes obras missionárias: paixão por Jesus Cristo e pelo povo, trabalho manual com inserção no mundo dos pobres, igrejas domésticas, formação de liderança, inclusão de mulheres, trabalho comunitário, participação de todos, relacionamento afetivo e familiar etc. A missão não foi uma atividade espontânea, mas fruto de uma ação pastoral bem refletida e planejada.

Dois mil anos se passaram. A realidade da Igreja não é mais a de Paulo. O movimento cristão, por exemplo, foi apropriado pelo império romano, por volta do ano 380 d.C., levando à construção de templos e basílicas no lugar das igrejas domésticas (casas), a uma igreja triunfalista, com um clericalismo hierarquizante e excludente, e uma liturgia ritualista e fundamentalista, entre outros. A religião imperialista persiste até hoje, mesmo dentro de grande parte do cristianismo e do mundo dos pobres explorados e humilhados. Quais as recomendações que Paulo faria hoje às nossas igrejas e comunidades? É importante dialogar, a partir da nossa realidade e da experiência de vida, com Paulo, apaixonado pelo evangelho de Jesus Cristo crucificado pelo Império e ressuscitado contra o Império: “Porque eu não me envergonho do evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1,16; cf. 1Cor 1,17-31).





APROFUNDAMENTO II

JESUS DE NAZARÉ E AS AUTORIDADES DO SEU TEMPO

Paulo retoma o hino do culto cristão primitivo a Jesus Messias que salienta a humanidade de Jesus Cristo (Jesus de Nazaré) e sua humilhação/exaltação na cruz:

Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo [escravo], tornando-se semelhante aos homens. E encontrado na figura de homem, rebaixou-se a si mesmo, fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz (Fl 2,6-8).

Jesus de Nazaré, o Verbo encarnado (Jo 1,14), que viveu e caminhou junto com os pobres sofredores (escravos), foi julgado pelo Sinédrio, a corte suprema do povo judeu, e condenado e morto pela autoridade do império romano. A morte de Jesus foi “escândalo”: “Os judeus pedem sinais e os gregos buscam sabedoria, ao passo que nós anunciamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para as nações” (1Cor 1,22-23).

Cristo crucificado... Jesus foi condenado à morte de cruz, uma pena que só um tribunal romano podia utilizar para os criminosos e os subversivos. A responsabilidade da autoridade romana pela morte de Jesus é inegável. Jesus foi criminoso e subversivo? Ele entrou em conflito com as autoridades do seu tempo? Qual a posição de Jesus em relação ao poder? Desde o tempo das primeiras comunidades, a pergunta “por que o Império condenou e executou Jesus de Nazaré?” atravessa milênios e continua em discussão. Para responder a essas perguntas é preciso, primeiramente, situá-las no contexto sócio-histórico em que Jesus viveu.

1. Situando na história

Desde 63 a.C., os romanos dominaram a Palestina com a sua Legião, a unidade militar do exército romano (Mc 5,9). O povo judeu passou a pagar tributos para o Império e a sofrer com a violência do poderio militar. No dia a dia, sofreu com a cobrança abusiva de impostos, do monopólio do comércio, do abuso do poder público, o que transparece na pregação reconstruída de João Batista: “Chegaram também alguns cobradores de impostos para serem batizados. Disseram a João: ‘Mestre, o que devemos fazer?’ Ele lhes disse: ‘Não cobrem nada além do que foi estabelecido’. Alguns soldados também lhe per-

guntavam: ‘E nós, o que devemos fazer?’ Disse-lhes: ‘Não maltratem ninguém com violência ou ameaça, não façam acusações falsas, e fiquem contentes com seu salário’” (Lc 3,12-14).

A cobrança abusiva de impostos, o abuso do poder público, a violência, a exploração... Certamente a família de Herodes (o poder civil) e o Sinédrio com o Templo (o poder religioso) foram os pilares que sustentaram e alimentaram a exploração do Império na Palestina. Em torno do ano 40 a.C., por sua fidelidade às políticas do imperador Augusto, Herodes Magno, um idumeu, inimigo dos judeus, foi reconhecido como rei dos judeus, exercendo o governo de forma tirânica e opressora.

Em especial, o sistema de fiscalização de impostos, implantado por Herodes e seus partidários, era muito rígido e abusivo. O povo devia pagar para os romanos o imposto de 25% das colheitas, o pedágio para a circulação de pessoas e mercadorias, e dedicar um tempo de trabalho forçado para as tropas e as obras públicas. Além dos impostos para o poder civil, o povo judeu tinha que pagar os impostos religiosos do Templo de Jerusalém: o imposto pessoal “estipulado em um denário, o equivalente à diária de um trabalhador”, os vários dízimos (colheitas), a oferta e o sacrifício de purificação etc. Ainda, os governantes religiosos estavam envolvidos com extorsão e ladroerias, transformando o Templo num “covil de ladrões” (Mc 11,17).

Cresceu o número de pessoas endividadas, escravizadas e endemoninhadas na Galileia, a terra de Jesus. O cenário era de pobreza, de doença e de morte – os males causados pelos demônios, segundo a religiosidade popular daquele tempo (Mc 1,32-39). Nesse caldeirão de exploração e sofrimento surgiram vários movimentos de resistência às autoridades injustas e violentas. Um deles foi o movimento de Jesus de Nazaré, que caminhou junto com o povo sofrido: “Quando Jesus desceu da barca, viu uma grande multidão e se encheu de compaixão, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas” (Mc 6,34). Foi um homem que ensinou um relacionamento social e religioso baseado na compaixão, na partilha, na solidariedade e na justiça, o que o levou a um confronto com as autoridades corruptas e injustas e, conseqüentemente, à cruz.





2. Jesus de Nazaré morto pelo Império

Nem sempre é fácil descrever o Jesus histórico e sua vida. Nos evangelhos, misturam-se as atividades de Jesus e as interpretações feitas, posteriormente, pelas comunidades cristãs à luz da fé em Jesus Cristo ressuscitado. Mas é inegável que Jesus seja originário da aldeia de Nazaré e tenha passado a maior parte da sua vida adulta pregando, atuando e andando de uma aldeia para outra na Galileia. Seus atos, ensinamentos, ditos e parábolas eram enraizados nas experiências da vida camponesa da sua terra, alimentados pela tradição profética e sapiencial do Antigo Testamento. Eis algumas palavras e práticas de Jesus em relação a poder, autoridade, sociedade injusta:

- a) Poder: “Então, chamando-os para junto de si, Jesus lhes disse: ‘Vocês sabem que aqueles que são vistos como governantes das nações as dominam, e seus grandes as tiranizam. Mas entre vocês não deve ser assim. Ao contrário, quem de vocês quiser ser grande, seja o servidor de vocês. E quem de vocês quiser ser o primeiro, seja o servo de todos’” (Mc 10,42-44). Na tradição bíblica, o poder vem de Deus para o serviço da justiça e da vida (Pr 8,12-16; Sb 6,3; 9,1-3). Jesus acusa e critica os poderes tiranos vigentes.
- b) Pobres esmagados e fome de justiça: “Felizes vocês, os pobres, porque de vocês é o Reino de Deus. Felizes vocês, que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes vocês, que agora choram, porque hão de sorrir” (Lc 6,20-21). As bem-aventuranças são um anúncio de felicidade aos pobres (Is 61,1). Ao mesmo tempo, elas são a denúncia da sociedade injusta e opressora, controlada pelo poderio romano.
- c) Abrigo de ladrões: “Jesus entrou no Templo e começou a expulsar os vendedores e compradores que aí estavam. Derrubou as mesas dos que trocavam moedas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E não deixava ninguém transportar nada pelo Templo. Jesus os ensinava, dizendo: ‘Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos? No entanto, vocês a transformaram em abrigo de ladrões!’” (Mc 11,15-17). Citando a palavra de Jeremias (Jr 7,11), Jesus critica o Sinédrio, denunciando o uso da religião para explorar o povo. É o ato que resultaria na morte de Jesus:

“Ouvindo isso, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei procuravam uma maneira de acabar com Jesus” (Mc 11,18).

- d) O imposto a César: “Jesus, porém, conhecendo a hipocrisia deles, disse-lhes: ‘Por que vocês me põem à prova? Tragam-me uma moeda, para que eu a veja’. Eles a levaram, e Jesus perguntou: ‘De quem é esta imagem e inscrição?’ Responderam-lhe: “De César”. Então Jesus lhes disse: ‘Devolvam a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus’” (Mc 12,15-17). A pergunta de Jesus “De quem é esta imagem?” já mostra a sua desaprovação da autoridade do imperador. Os impostos (a César e a Deus) só são justos quando reverterem em serviço do bem comum do povo (Mt 22,1-12).

Tudo isso leva Jesus de Nazaré à cruz. Apesar de estar ciente do perigo da morte, Jesus, com muita sensibilidade e amor ao próximo, caminhou à cruz: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36). A cruz de Jesus é o resultado da sua fidelidade ao projeto (“Novo Céu e Nova Terra”; cf. Is 65,17-25; Ap 21,1-22,15) de Deus e compromisso com seus irmãos até o fim. É o resultado do que ele pregou e do que ele fez: “Eu, Javé, chamei você para a justiça, tomei-o pela mão, e lhe dei forma. E o coloquei como aliança de um povo e luz para as nações, para você abrir os olhos dos cegos, para tirar os presos da cadeia, e do cárcere os que vivem no escuro” (Is 42,6-7; cf. 52,13-53,12).

A pergunta “como podemos seguir Jesus de Nazaré?” atravessa milênios e continua esperando por nossa resposta, no mundo injusto e violento dos impérios de hoje. Se muitos de nossos irmãos se encontram explorados, oprimidos e encurvados, é nosso dever cristão levantá-los para que vivam com dignidade humana. Pois a pessoa cristã é aquela que se apaixona por Jesus (sua palavra e vida), liberta as pessoas dos males (poderio dos impérios) e continua a obra da expansão do Reino de Deus, o mundo de solidariedade e de fraternidade: “Abba, Pai! Para ti tudo é possível. Afasta de mim este cálice. Porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc 14,36).



Editora: Pia Sociedade de São Paulo - PAULUS (Paulinos) — **Diretor:** Pe. Jakson Ferreira de Alencar, ssp — **Endereço:** Rua Francisco Cruz, 229 - Vila Mariana - 04117-091 - São Paulo - SP - Tel. (11) 5087-3700 - editorial@paulus.com.br - paulus.com.br. **Esta remessa de Bíblia-Gente é uma gentileza da PAULUS e não pode ser vendida.**

